



## DESENHOS ESCOLARES COMO NARRATIVAS HISTÓRICAS EXPERIMENTAIS

School drawings as experimental historical narratives

Matheus Fernando Silveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Essa pesquisa propõe um olhar sobre desenhos de estudantes sobre a Guerra do Contestado (1912-1916), para pensá-los como narrativas históricas experimentais (ou não-convencionais). Os desenhos são de um concurso de 2020, em Lebón Régis-SC, realizado por uma parceria entre movimentos sociais, escolas e prefeitura. A referência dos revolucionários caboclos da Guerra do Contestado é uma memória viva na região. Nesse sentido, seriam tais desenhos de escolares expressões com teor historiográfico? Em que medida podem ajudar a ampliar o conceito de história?

**Palavras-Chave:** Desenhos, Contestado, Narrativa Histórica Experimental, Histórias não-convencionais

**Abstract:** This research analyses student drawings about the Contestado War (1912-1916), to think of them as experimental (or unconventional) historical narratives. The drawings are from a 2020 competition, in Lebón Régis-SC, carried out by a partnership between social movements, schools and city hall. The revolutionary caboclos of the Contestado War are a living memory in the region. In this sense, would such school drawings be expressions with historiographical content? To what extent can they help to broaden the concept of history?

**Keywords:** Drawings, Contested, Experimental Historical Narrative, Unconventional Stories

<sup>1</sup> Doutorando em História UDESC, bolsista CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2487205866924203> E-mail: [mfsilveiras@gmail.com](mailto:mfsilveiras@gmail.com)



Em 2020, em meio a pandemia de COVID-19, foi promovido um concurso de desenhos infanto-juvenis nas escolas do município de Lebon Régis/SC, cidade que na região onde ocorreu Guerra do Contestado (1914-1918). A cidade criou a Semana do Contestado, evento que em 2024 teve sua 10<sup>a</sup> edição. A Semana do Contestado festeja a cultura cabocla, conectando a cidade à memória do evento, tendo apoio e participação das escolas da cidade; outras cidades da região também já promoveram suas versões de Semana do Contestado. Esses eventos marcam uma tradição relativamente recente na região, com forte presença de memória do conflito da Guerra do Contestado nas atividades culturais e escolares. Ademais, a cidade se autoproclama “Coração do Contestado”<sup>2</sup>. A rememoração do evento acontece por meio da oralidade, tradições religiosas, movimentos sociais, folclore, turismo, programas de rádio, filmes e peças de teatro locais etc., de forma que é clara a conexão entre passado e presente.

A Guerra do Contestado foi um movimento complexo que ocorreu entre Santa Catarina e Paraná com eventos preceptores em 1912-1913 e repressão militar entre 1914-1916. Com questões políticas, religiosas e sociais, este movimento surgiu da crença popular em torno de um curandeiro, benzedeiro e peregrino conhecido como monge José Maria, cuja figura foi posteriormente associada a outras lideranças espirituais, como João Maria, interpretadas como seu retorno, ressurreição ou reencarnação. A partir de 1913, o movimento se tornou mais multifacetado, resultando na formação de comunidades conhecidas como "cidades-santas", organizadas sob a liderança do monge João Maria. As cidades-santas reuniam um grupo diversificado de pessoas da região, incluindo posseiros, pequenos agricultores, migrantes urbanos vindos para a construção de uma grande ferrovia, trabalhadores de serrarias e plantações, além de populações miscigenadas, negras e indígenas.

Essas comunidades ofereciam uma forma de resistência ao poder político local, desafiando grandes fazendeiros (“coronéis”), empresários estrangeiros e iniciativas estatais, todos envolvidos em disputas pelo direito à terra. O movimento foi

<sup>2</sup> Para mais informações, ver site oficial da Prefeitura da Cidade de Lebon Régis. Disponível em: <https://lebonregis.sc.gov.br/pagina-8377/>



brutalmente reprimido pelo estado brasileiro, em uma ação conjunta entre o exército, polícias militares e milícias paramilitares, que incluíam vaqueanos, ex-soldados e pistoleiros. Essa repressão resultou em milhares de mortes e na destruição das cidades-santas. No entanto, a luta dos revolucionários caboclos permanece como uma das memórias mais marcantes da região do Contestado.

O Concurso de desenhos de 2020 foi uma iniciativa que envolveu principalmente a Associação Cultural Coração do Contestado (ACCC), a Secretaria de Educação e Cultura Municipal e as escolas públicas da cidade. Com o fechamento das escolas durante a pandemia e a suspensão parcial das atividades presenciais de ensino, o trabalho dos professores com os alunos passou a ser realizado, em sua maioria, de forma remota. O Concurso de Desenhos foi concebido como uma estratégia para integrar e motivar os estudantes diante do ensino remoto precário, e serviu como uma alternativa à Semana do Contestado de Lebon Régis de 2020, que seria cancelada devido à proibição de aglomerações durante a quarentena, uma medida adotada no país para combater o coronavírus. A temática do concurso era a própria Guerra do Contestado. Apesar das limitações impostas pela pandemia, o concurso teve ampla participação, reunindo 300 desenhos de crianças e adolescentes (6-17 anos), de todas as escolas públicas da cidade. Os desenhos foram posteriormente divulgados na rede social Facebook, com grande engajamento local e até mesmo interesse externo<sup>3</sup>. A interação foi marcada por comentários, campanhas de votação (já que os vencedores seriam escolhidos pelo número de “curtidas”) e diálogos significativos. Essa ampla divulgação chamou a atenção da esfera acadêmica, na figura do professor Rogério Rosa Rodrigues (FAED/UDESC), que tomou conhecimento do evento e começou a organizar um acervo.

Para este texto, gostaria de destacar alguns desenhos contemporâneos criados por estudantes da região (realizados no Concurso de 2020), pois considero essas obras como narrativas poéticas que traduzem, de forma visual, as expressões históricas das crianças e adolescentes sobre esse contexto. Estes desenhos dão ênfase no monge João

<sup>3</sup> Para mais, ver: <https://www.facebook.com/Coracao.Contestado>.

Maria abençoando fiéis ou na natureza. Procurarei demonstrar como os desenhos podem ser tomados como uma história não-convencional (RODRIGUES, T., 2021) ou narrativa experimental (CARDENAS-AYALA, 2020).

Como seria de se esperar, o monge João Maria está entre as figuras recorrentes nos desenhos do Concurso. Sua presença aparece em diversos contextos e poderia ser discutida de diversas maneiras, como por exemplo na sua relação com fontes de água (“pocinhos do monge”), bençãos, grutas etc.



**Imagen 1: PFM, 7º Ano. Título: O monge João Maria. Fonte: Concurso de Desenhos (2020)**

A ênfase do ensaio, porém (expressa pelas Imagens 1 e 4) é pela integração do monge nessa lógica cotidiana do caboclo do contestado, uma ênfase na esperança, na fé, na vida comunitária, no trabalho com a terra e com os animais, bem como sua conexão com o ambiente natural.

Ambos os desenhos são uma espécie de desenho “repetição” (BENJAMIN, 2009). A imagem 2 é de uma pintura de um autor catarinense relativamente conhecido, Willy Zumblick<sup>4</sup>, em que a criança claramente se inspirou para fazer o desenho da

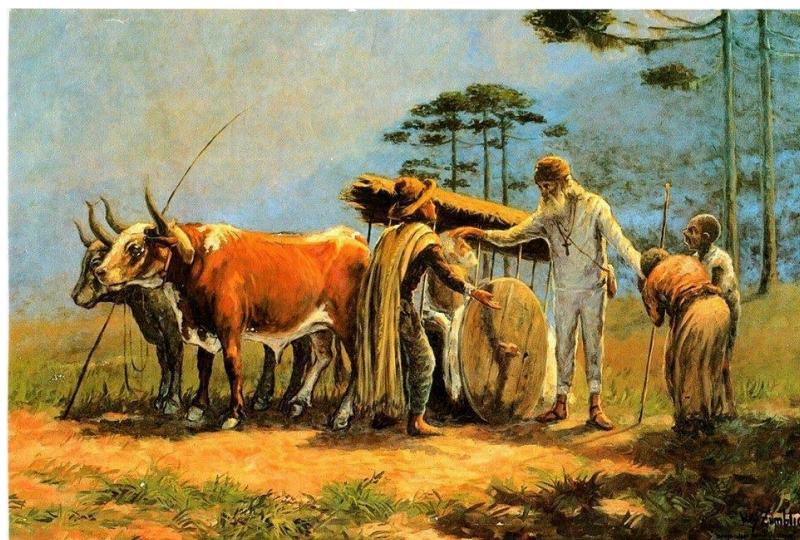
<sup>4</sup> Willy Zumblick (1913-2008), nascido em Tubarão/SC. Relojoeiro e ótico, fazia parte da elite cultural da cidade e foi também um entusiasta artista autodidata. Praticamente todas as suas obras recorriam à história do estado e do país.



Imagen 1. Zumblick foi um artista prolífico, com mais de 5000 obras. Dessas, contudo, apenas onze são pinturas sobre o Contestado.

Poderia se pensar que esses desenhos tem menor valor por ter sido “copiado” de outra obra. Com efeito, muitos dos desenhos do Concurso são imitações: de imagens, fotografias, pinturas, esculturas e outras representações sobre a cultura visual do Contestado. O monge inclusive, é uma das figuras mais “imitadas”, sobretudo a partir daquela famosa fotografia dele sentado com pernas cruzadas, atribuída a Herculano Pereira, em Ponta Grossa, e largamente reproduzida desde então (Imagen 3). A imagem 4 é um dos exemplos de desenhos que representa o monge nessa posição, mas com contexto próprio, como veremos.

Várias considerações poderiam ser feitas sobre esse impulso da “imitação” das crianças e adolescentes.



**Imagen 2: Obra: Monge João Maria curando os doentes, de Willy Zumblick (1956)**

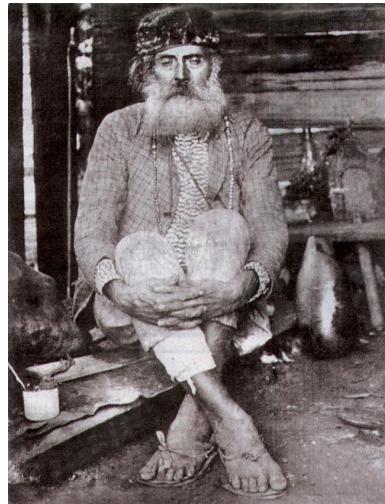


Imagen 3: Foto: Monge João Maria (1869).

Em primeiro lugar, considero aqui os desenhos como modos de organização e narrativas da experiência humana – mais especificamente, experiências estudantis de aprendizagem histórica escolar, que tende a impor relações de certo e errado com bastante severidade. É compreensível, pelo contexto de produção dos desenhos, que representações sobre o evento façam parte do repertório do estudante, apresentadas na escola, dentro ou fora da lógica da Semana do Contestado. Imitar outra representação consolidada, assim, é uma aposta segura para o desenho: é uma interpretação “correta” da tarefa, qual seja, a produção de um desenho sobre o tema proposto (Guerra do Contestado).

O desenho é uma materialização sensível da realidade construída com intencionalidade racional (nesse caso, com vinculação a um tema histórico, ou seja, a uma tentativa de representar um evento histórico: o Contestado). Porém, considero ele uma experiência de artesanato histórico, uma experiência de apreensão sensível por meio da imaginação. Desenhar sempre será uma atividade necessariamente dialética, pois exige postura de autoria e evita parcialmente a reprodução exata, pelo menos nos parâmetros de que falamos. Mesmo uma “cópia” vai aparecer de maneira muito particular (reimaginada) numa atividade escolar em formato de desenho. A ideia de repetição fazem parte tanto de uma estratégia de aprendizagem infantil quanto da lógica reprodutora escolar, mas ao serem reivindicadas como formas de se expressar

pelas crianças, se tornam reapropriações, desmontes e dessacralizações, num jogar simbólico com o passado. A própria conotação simbólica do desenho remete a do mito, de uma experiência que volta a si própria para se reinventar; é o prazer da imitação da criança, desmontando e remontando símbolos, jogando com o passado (BENJAMIN, 2009). Para o presente caso, portanto, os desenhos não são imitações de representações do passado, mas reinvenções do presente. A escolha das crianças importa, também. Uma das pinturas mais famosas de Zumblick sobre o Contestado (Carga dos Fanáticos, de 1956), por exemplo, retrata os caboclos como guerreiros brutos de olhos arregalados. Essa imagem, contudo, nenhum desenho do Concurso imitou...

**Imagen 4: LGG, 8º Ano. Título: Relembrando o Contestado. Fonte: Concurso de Desenhos (2020)**



.Existe uma memória coletiva muito forte na região sobre a santidade do monge (São João Maria, como é conhecido em certos círculos), tradições passadas na oralidade, em histórias de família, canções de roda, salas de aula, políticas de memória e rituais religiosos. A realidade cabocla (sobretudo a de outrora) é ligada à terra, aos animais, à natureza, mas também a religiosidade, à fé, à necessidade de esperança diante das dificuldades. Mesmo sem formação religiosa oficial, os aspectos curandeiro

e conselheiro do monge tem muita força. Nos desenhos em geral, na maioria das vezes isso aparece imbricado: não um monge sentado num espaço escuro, diminuto e cheio de objetos, como na foto consagrada dele, mas um monge imerso na natureza e/ou com sua comunidade. Em muitas das representações ele é o velho barbado, sentado na mesmíssima posição das pernas cruzadas da foto, mas em meio ao cenário de natureza abundante (como é o caso da Imagem 4).

Outra das formas de refletirmos sobre essa “imitação” é pelas cores. Como em outros desenhos, a criança contempla o que sabe e aprende no colorido, que enseja ou visualiza (BENJAMIN, 2009). Se esse é um elemento de fantasia, é uma imaginação de afeto: na Imagem 1, podemos ver uma imagem um pouco mais verdejante que o quadro em que se inspirou; temos cores mais chamativas no geral, em especial nas roupas do monge e de seus fiéis. A natureza é mais pujante e menos macabra, o céu é mais azul e não há sinal de areia ou barro no chão, apenas o verde. Como sugere Benjamin, se é por meio da cor que a imaginação das crianças muitas vezes se manifesta, essa é uma expressão que carrega afetos e sentidos, que carrega uma conotação muito própria, de ênfase. Num primeiro momento, podem parecer paletas de cores estranhas, dissonantes. Porém, o desenho me parece mais vivo que o quadro; o estudante nos diz: Isso esteve ali, e isso está em destaque; um solo pujante; um azul celeste, um tanto divino, nas vestes do monge; amarelo e laranja nos fiéis que são tocados pelo toque transcendental, sagrado. Reforçam conceitos imbricados no imaginário, da sacralidade do monge, de uma sociedade humilde, fiel e integrada com a natureza.

Nos desenhos do Concurso, a natureza é dedicadamente colorida com intensidade, e até certo método. Tudo é vivo, ensolarado e arrebatador. A ideia de uma natureza “pura”, de certa forma integrada, pode remeter ao imaginário da força de preservação da agricultura familiar e da vida comunitária, em oposição às grandes monoculturas ou outras forças do progresso, que são destrutivas com o meio ambiente. A natureza que persiste, ou que sobrevive à destrutiva intervenção externa, em símbolos que são muito próprios daquela localidade, daquela tradição, daquela



memória. Há certa harmonia com a terra, que não fere à força a paisagem natural, pelo contrário, que se insere nas representações nele de maneira quase espontânea, quase discreta, de modo que o monge fica mais real, mais concreto, nos desenhos das crianças em meio a araucárias, céu azul e pássaros (Imagem 4) que na foto factual de um canto escuro e maltrapilho (Imagem 3).

Dessa forma, os desenhos se apresentam como uma experimentação historiográfica, na medida que podem ser entendidos como narrativas históricas alternativas, que não reproduzem o evento a partir da historiografia tradicional ou dos livros didáticos. Eles podem se apresentar, assim, como marcas de influência contemporânea que conecta passado e presente. A historiografia tem debatido o papel e a importância de construções históricas alternativas, na construção de uma cultura histórica, no âmbito local e nacional. No campo da história pública, por exemplo, Santhiago (2018) usa a categoria “história feita pelo público”. Já Thamara Rodrigues (2021) usa o termo histórias “não convencionais.” No México, Elisa Cárdenas-Ayala (2020) usa o termo “narrativas experimentais”. São trabalhos realizados em dessincronia com a história disciplinar (ou acadêmica), avaliada pelos pares. Em geral, estão marcados por expressões de memória viva, pela emancipação de certas experiências marginalizadas pela narrativa histórica tradicional, pela marca da identidade étnica ou regional e pela abertura para experimentações com fontes e estruturas narrativas na hora de se expressar.

Se pensarmos os desenhos como histórias não convencionais, eles se apresentam como uma maneira de contar a história do Contestado, oferecendo uma visão particular de como tais estudantes percebem, internalizam e reinterpretam esse evento; e que entra em dissenso com a maneira como a história do conflito e de suas populações foi contada, excluindo ou desqualificando certas experiências, sobretudo aquelas vinculadas a uma representatividade e ao modo de vida caboclo. Mas as experiências expressas nesses desenhos impactam nossa visão de história; percebê-las é tornar essa história conectada à história viva da memória, à história viva das comunidades. Nesse sentido, os desenhos podem ser compreendidos como narrativas

históricas experimentais, ou histórias não-convencionais, em diálogos com outros saberes e numa tentativa de aproximação entre academia e comunidades, reforçando iniciativas para quebrar a hierarquia da narrativa escrita e ampliar o conceito de história.

Num Contestado cuja memória cabocla é inundada de investidas institucionais que tentam minimizar a violência do evento, desenhos de habitantes da região são expressões narrativas com grande força. Já há certa trajetória de “historiadores não-convencionais” na região, na forma de contadores de histórias, compositores, mestras de reza, folcloristas (tais como Euclides Felippe, Vicente Telles, Ezanir Prates) com trabalhos fundamentais para a revisão da memória e história oficial do conflito, revitalizando expectativas dos revolucionários caboclos. Em que medida esses trabalhos se retroalimentam, com contatos entre os desenhos e as músicas de glória cabocla de Vicente Telles, por exemplo, é um trabalho que ainda está para ser feito.

Encontrar fontes e maneiras de contatar a memória cabocla (como os desenhos do concurso) é negar a hierarquia linear do tempo, valorizando a iniciativa de comunidades em reivindicar as relações entre passado e presente. É nesse momento que essas produções ganham dimensão epistemológica, com o historiador observando fraturas de um passado-presente, um tempo histórico entendido como presença interrompida, capturas de transtemporalidade capazes de construir novos sentidos. Trata-se de uma abertura dos tempos históricos para trazer clamores dos mortos, uma constelação formada por ideais de uma comunidade reprimida trazidos ao presente (RODRIGUES, R., 2021).

A fundação das cidades-santas no Contestado representou uma tentativa de romper com o avanço linear da história e do progresso, buscando estabelecer uma comunidade baseada em pactos sociais, políticos e religiosos distintos do modelo republicano. Essa iniciativa visava criar uma organização coletiva sem concentração de terras, adequada a um cenário de resistência, luta, abandono estatal e busca por autonomia. Apesar da destruição física dessas cidades, as ideias que elas representavam mantêm sua força e continuam sendo transmitidas pela memória

histórica local. Persistem a cultura e os valores ligados à identidade cabocla, em aspectos poéticos. O Concurso, além de se destacar como um símbolo de resistência cultural em períodos de adversidade, me parece evidenciar o valor histórico dos desenhos criados, que possuem o potencial de transformar a maneira como a memória e a história são interpretadas.

Um desafio que segue importante seria a aceitação desses desenhos como fontes legítimas de história, pois análisá-los extrapola a hermenêutica acadêmica tradicional. Autores como os citados aqui propõe essa ruptura com as convenções da historiografia. Ao enfatizar a importância de abordagens inclusivas e inovadoras na forma de observar esses desenhos contemporâneos, pode-se não apenas enriquecer a memória da guerra do contestado, como também se demonstrar a importância de ouvir as novas gerações na construção da memória histórica. Eles parecem oferecer novas perspectivas que desafiam as narrativas tradicionais e podem ser usados para construir uma história mais rica e mais inclusiva, menos estereotipada ou menos limitada, mais abraçadas às comunidades que são herdeiras do evento na região. É uma busca por incorporar representações como os desenhos no processo contínuo de lembrar e recontar a história, como uma potencial ferramenta de resistência e contestação das narrativas dominantes, oferecendo uma visão das estruturas de poder e da exploração que muitas vezes são ocultas ou descritas de maneira fria e desconectada do mundo.

## Referências

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RODRIGUES, Rogério Rosa. Tempo-do-agora (Jetztzeit), História do Tempo Presente e Guerra do Contestado. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, e0111, 2021.

CÁRDENAS-AYALA, E., Narrativas experimentales para otras historias posibles. **Revista CoPaLa, Construyendo Paz Latinoamericana** 10 (año 5), pp. 126-142, Julio-Diciembre, 2020.



RODRIGUES, T. Teoria da história e história da historiografia: aberturas para “histórias não-convencionais”. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 12, n. 29, 2019. DOI: 10.15848/hh.v12i29.1303. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1303> Acesso em: 25 nov. 2024.

SANTHIAGO, Ricardo. História Pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 286-309, DOI: 10.5965/21175180310232018226. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310232018286> Acesso em: 25 nov. 2024.